

O IDEAL

ORGAM DE DOIS SOCIOS DO CLUB CONCORDIA

ANNO I | JUNDIAHY, 7 DE SETEMBRO DE 1901 | NUM 1

O IDEAL

Talhado para grandes conquistas, designados para o combate das grandes luctas apparecem quotidianamente, esses paladinos que se chamam jornaes.

Pois bem; talhado para uma conquista, visando um ponto onde fulgura os louros duma victoria, levanta se hoje «O Ideal» que vae se atirar a todos os perigos: fim da ver se causegue tocar nas folhas daquelle laurel.

O unico e verdadeiro sonho d'«O Ideal» é erguer até o apogeu a que tem direito, o nome do «Club Concordia».

E quando ver a nosso sonho realisado, daremos por terminada a campanha.

Porem, não é só com a penia, que podemos alcançar o nosso intento.

E' necessario o auxilio de todos os associados, e esse será o nosso primeiro ponto de vista, o primeiro reducto do á vencer, para o realce do «Concordia».

Congregar toda a nata social, é o que necessitamos.

Para longe essas vis paxões, que tanto pervertem a sociedade.

Para longe essas intrigas, que só acarretam, o odio e o desprezo, separando os elementos sociaes.

Esse é o primeiro

Sabeis Accaso...

Um peito exangue, que a paixão devora,
Como no campo o firacão,
Em tudo eu vejo o sorrir d'outr' ora
Em tudo eu vejo, a tua traição.

Mulher amada, que esta alma adora,
No meu retiro, na solidão,
Tu és, Venus que ravigora
Um pobre peito, um coração.

Vem pois ch! virgem! já que és amada,
Ao longe rompe a madrugada
Que vem trazer nos uma esperança.

Sabeis accaso, gentil donzella,
Que lá no mar, regna a procela
E no meu peito, só a lembrança?

Jorge FIALHO

intuito d'«O Ideal», reunir numa só familia, todos os membros do «Club Concordia», e depois travar a peleja, encorajados pelos perigos dos combatentes.

E' preciso que todas as vistas, se dirijam para um só lemma:—o engrandecimento do «Club Concordia».

O campo da lucta para os iniciadores da tarefa, será o nosso «O Ideal», nossas armas a penna e a palavra e o nosso labaro—a concordia.

A victoria é mais que certa, sobra nos coragem e resta-nos boa vontade.

Só o que esperamos é que cada socio do «Concordia» levante-se qual soldado abnegado, em defesa da tarefa que iniciamos.

Auxiliem-nos os socios do «Concordia», e repartiremos os louros da victoria.

Auxiliem nos os socios do «Concordia» e não será difficil para o nosso sonho ser a pura realidade.

Para a nosso victoria, basta um pouco de perseverança, e muita boa vontade.

O campo da batalha, ali está, é «O Ideal» as nossas armas manejaremos sempre, nada mais é preciso que uma palavra de conforto, que é o labaro, a cuja sombra se agrupam todas as esperanças dos exhaustos luctadores.

Auxiliem-nos, e a victoria será nosso, os louros cairão á nossos pés.

J. B. FIGUEIREDO.

A BORBOLETA

(a Tiburecio de Siqueira)

ERA na primavera.
Os campos matia-
dos. O ar embalsamado.
A natureza, esplendorosa. Esplendorosa em toda a sua plenitude de encantos.

Correndo qual louquinha, andava a minha amada, em perseguição duma linda chryside azulada.

Corria, pisando inconscientemente, o bello tapete.

Eu, sentado no tapiz da selva, seguia com interesse, a lucta da moça em cata da borboleta.

Ella, possessa por apanhar o lindo insecto, não se importava com as pobres flores que ficavam pisadas pelos seus pésinhos mininosos.

Aqui, era uma rosa desfolhada, cujas partes estavam dissimuladas por terra alli, um lyrio quebrado pelo seu pedunculo, mais adiante, uma sempre viva, pendida; e ella, desvairada creatura, a nada volvia os olhos, o seu intento era apanhar a linda borboleta.

Cauçada, a moça sentou-se á sombra duma magnolia, enquanto a sua perseguida, alegremente, adentrou sobre uma camelia, rompendo do seu embrião.

A moça olhou todo o movimento do galante insecto, e erguendo-se correu novamente atraz da sua joia que esvoaçava.

A borboleta, volteava contente, e a moça emballe

Onde estás?...

(A' EDUARDO DE ALMEIDA)

Onde é que fostes Brasília amada,
Tão linda e bella pomba innocente
A brisa passa, alvinitente
Como presagio da alvorada.

Onde é que fostes mulher demente?
Partindo eu vejo a passarada,
Dizendo adeus, alvoroçada,
E tu sumistes, oh! flor! virente!

Onde é que estás, que não te vejo
Nem de teus olhos baço lampejo?
Accaso fostes co'a passarada

Que alegremente por aqui passou?
E o coração que tanto amou
Onde é que está Brasília amada?

7 de Maio 1901

J. B. FIGUEIREDO

tentava cobri-la com o avental.

Vendo a impossibilidade do seu intento ser realizado voltou sosinha pelo trilhado que deixara no seu passar em perseguição do insectosinho.

Quando chegou perto da sen pre-viva pendida, extasiou-se dizendo no auge da indignação:

—Malvado!... quem inutilizou esta flor que eu tanto amava, e zelosa guardava-a para o meu noivo; quisera saber, quem teve a ousadia de penetrar no meu jardim, e quebrar esta flor que ainda a pouco ostentava-se garbosa.

Hedwiges (era o nome da moça) tomando a flórsinha entre os dedos, disse:—Tu és sempre viva, e portanto não perderás os teus encantos, vou por-te num vaso com agua para ter-te sempre fresca, ate entregar-te ao meu noivo.

Hedwiges caminhou e parou pouco alem, junto do lyrio, quebrado pelo seu pedunculo.

—Tambem o meu lyrio murcho por terra... mas quem seria o autor de tantas torpesas?!...

Não julgava a louquinha ter sido ella mesmo.

Maior espanto porem, foi quando viu por terra, as petalas da rosa.

—Meu Deus!—disse ella —a flor mais cubizada do meu jardim estragada completamente; esta rosa que o meu noivo tantas vezes pediu-me!... o que dirá elle quando souber do succedido!... esta rosa que servia de attractivos ás borboletas azues, e de idolo aos colibris... Pobre flor!... ainda a pouco eras a Deus dos canteiros e agora...

Uma lagrima, rolou pelas faces de Hedwiges, apa-

nhando os destroços da rosa no jardim, o idolo do meu noivo.

—Miseria flor! como foi triste a tua sorte!... a pouco eras beijada pelos colibris e borboletas, e agora nada mais ha que o teu pedunculo despidode tua corola!...

Hedwiges, sentou-se na relva do canteiro, e começou a beijar uma a uma todas as petalas desfolhadas.

—Pobre roseira... os beija-flores não mais virão esvoascar em teu redor, não veem a tua filha predilecta.

Neste momento a linda borboleta, que Hedwiges perseguia, veio esvoaçando, adejar nas petalas da rosa que a moça tinha no collo; ella encantada com as cores brilhantes do insecto, deixou-o beijar todas as partes da flor desfeita.

—Quizera saber quem o auctor desta selvageria, e havia de o fazer sentir a dor que me devora a alma; a rosa mais bella do meu

jardim, o idolo do meu noivo.

A borboleta continuava a adejar de petala em petala.

—Hedwiges, fallei —eu levantando-me da relva—A unica culpada de tudo isso és tu... Não te lembrás, que a instantes, corrias em perseguição dessa borboleta?... eu vi-te qual doidinha destroçando essas pobres flores. A borboleta ahí, está e porque não a apanhas agora?...

—Não! tenho pena de tolher a liberdade ao pobre insecto, que veio ainda uma vez consolar a murcha flor, beijando suas petalias.

—Apanha minha amada, e fita nessa borboleta os teus olhos...

—Não meu noivo, ella é tão bella, e adeja alegremente sobre as flores do meu jardim.

—Apanha Hedwiges...

—Tenho pena!—e abaixando mansamente as mãos

segurou a borboleta.

—Que bella!— disse eu.

—Como refulgem suas azas aos raios do sol.

Hedwiges acariciava a pobre presa, que tentava fugir.

—Ves, minha amada, a pouco corrias em vão, para apanhar esse insecto, e agora elle veio entregar-se ás mãos da sua perseguidora.

Quando tentavas segual-a não te importates com nada, desfolhastes essa rosa que te occasionou o pranto não sabes que a borboleta adora as flores, e então para que querias privar a desses encantos?...

—E' tão linda!...

Sim mas mais, linda será, quando ella passar junto a ti, indo beijar as flores dos teus canteiros.

Hedwiges, abrindo a mão-sinha, deixou a borboleta ao ar livre.

—Leva-a e põe-na junto ao teu leito, vel-a-has a todo o memento.

—Não meu noivo, ella necessita de liberdade, deixei-a partir.

Adejando alegremente sumiu nos canteiros a linda borboleta.

* *

Amanhã minha amada, verás a tua querida borboleta, beijando as flores do teu jardim... Alegrete... não penses que ficou triste em ver a flor que tanto amava, desfolhada... Não! exulto... foi a rosa da minha alma desfeita por ti, que qual doidinha, não lebrastes das flores, correndo captiva, pela linda borboleta.

Amanhã esse insecto virá beijar-te, porque lhe deste a liberdade, e és a flor.

mais bella destes prados.

Alegre te pois, a rosa desfolhou-se, era esse o seu disgnio. Logo terás outras, e eu cubical-as-hei... Adoro as rosas, são a imagens desse teu rosto coralino.

—Oh! lá vem a borboleta, apanha agora, se és capaz?...

—Não! amo as borboletas.. Ellas beijam as flores dos meus canteiros.

E a linda borboleta, esvoaçando, passou por junto a nós, sumindo na curva do jardim.

"Das Folhas de Maio
1-8-1911
J. B. DE FIGUEIREDO

7 de Setembro

Salve o dia de hoje! Dia de nome na historia patria, e ao mesmo tempo dia em que, nos seus corações se extinguem de contentamento.

Hoje é que podemos gosar um pouco a nossa mocidade, vamos nos inlaçar nas voltas das valsas no seio do Club Concordia; elle é que podemos dizer, o centro delicioso da mocidade Jundiahense.

S. PINTO

Ingrata

(a) B. A. T.

Ingrata, que quanto tens de bella, tens de perversa. Ingrata, que me illudiste, atirando-me no rol dos descrentes.

Ingrata, que não tivestes compaixão do teu servo.

Ingrata, que me enganas.

tes, mas ainda te adoro.

Ingrata, por quem senti tanto amor, e que no entanto me abandonastes.

Será a tua traição, a minha companheira e sempre te hei de adorar, como a flor mais bella da natureza.

Eu te adoro, embora tu me traisse.

Fostes a rosa, que veio no jardim da minha vida, e que o menor soprar do vento desfolhou.

Sou a victima da tua traição, não importa, hei de adorar-te, foi por ti que senti o primeiro amor.

Ingrata! Ingrata!

CARLOS D OLIVEIRA MACHADO

Angelina



E's bella, mui bella. Teu rosto, esbelto e formoso. Teus olhos expandindo centelhas de amor. Teus cabellos louros, quaes fios do aureo metal.

E's mui linda; quisera te fazer sentir o amor que vos tenho, mas é impossível. Tu amas e estás illudida pelas vãs palavras do homem amado.

Tu, o ama; elle não sei... E's sympathica e dahi nasceu o amor que vos tributo, quisera te amar, te embeber nas meigas phrases dessa quadra risonha de chimeras

Quisera te amar, e não posso, o teu coração pertence a outro, o teu amor é por elle, e eu contento-me em confessar que te adoro e muito. E's a rosa do meu jardim, em redor da qual, esvoçam as borboletas e colibris, sem oscular-a, me drosos de manchar tanta candura e belleza.

E's a rosa, cujas petalas não descoram, conservam sempre o viço, qual rainha cercada de vassallos.

E's linda, muito linda, mas eu não te posso amar; nisso está o meu soffrer.

Quero v.r-te e descrever o teu todo nas paginas do meu livro d'alma.

De que vale a tua face,

ter tanto perfume; os teus olhos tanto fogo de amor; e os teus cabellos tanta seducção, nada disso me pode pertencer.

Adoro-te; mas, qual estatua e conservo-me silencioso. Adoro-te como a brisa que passa, ou como a flor que morre assim que vicia.

A rosa ostenta-se ao alvorecer, bella e perfumosa, e fenece no mesmo dia; o teu amor, bafeja-me agora e daqui a pouco, sou um desgraçado, um illudido, pois não te posso adorar.

E's bella, és seductora, és a flor da minha sympathia.

Jundiahy, —5—9—1901.

J. B. Figueiredo.

Sempre Amor

Vendo no jardim, a flor Exhalando sou perfume Eu solto um queixume, Que em tudo diz—Amor

Curando alguma dor Soffrida por paixão Suspira o coração, Balbuciando sempre—Amor

Nestes dias de calor, A sombra da laranjeira. Do rio aqui na beira, Tudo para mim é — Amor!

Donzela de alva cor, Pé pequeno, delicado Viude ver este coitalo Que morre, por teu—Amor!

Da poesia sou cultor, Um vate desgraçado, Que vejo-me desterrado, Por mechericos de—Amor!

Quando servo da morte for, E na campã tropeçar, Em pó me transformar Esquecerei esse —Amor!

CARLOS DE OLIVEIRA

Marombando

Cada vez que pego na penna para escrever, para algum jornal,

não posso de forma alguma, esquecer-me dos amigos intimos, como o Carlos.

Aquelle serio do ta quando passa pela rua Nova, não ha quem não desconfiem, do seu geito de bregeiro. Mas eu que não sou tolo, já os conheço as leguas.

O Carlos é um dos meus maiores amigos, não quero no entanto que elle va a minha missa.

Quando, por exemplo: passo numa rua, em que tenho uma pessoa que estimo, de coração, e a qual pessoa o Carlos sabe quem é.

Elle é bom rapaz, mas eu, temo que elle um dia me engane, e tome aquillo que me pertence.

Digo isto, não para offendel-o, pois nós dois, somos bons para o fogo e tomar cerveja.

Se quizerem certificar-se disso, é precurar-nos no lugar do costume, que lá estamos enfrentando a Antartica.

Por hoje vou findar o meu artigo, porque está muito cacete, e não quero ser causa de desgostos.

Jundiahy, 7—9—901

S. PINTO

SALVE!



INDEPENDENCIA OU MORTE—é a phrase que simboliza a liberdade dum povo.

E' o brado, que echou no solo brasileiro, rasgando o véu da preponderancia, e

deixando surgir no horizonte o pendão da liberdade.

E' o lemma, gravado no coração brasileiro, e que symbolisa a mais fulgurante pagina da Historia.

E' o distico, que demonstra a quebra do jugo luzitano.

Fallar em 7 de setembro, a data mais gloriosa, dos annos brasileiros, olvidando os nomes de José Bonifacio e Pedro I, é a maior das injustiças, de todos que amam a liberdade.

Esquecer o nome de José Bonifacio, é olvidar o vulto mais proeminente dos paulistas; José Bonifacio por si só symbolisa a liberdade duma nação. José Bonifacio iniciou a lucta, Pedro I, deu o golpe fatal.

José Bonifacio lança o germen da independencia, e os fructos não tardaram a apparecer.

Digno exemplo, para os posterios.

Salve! 7 de setembro.

POLYDAMAS

—o—

Presentes

A redacção d'«O Ideal» foi mimoseado com os seguintes:

O sr. Carlos de Oliveira, offereceu ao nosso redactor, uma peneira de azeite.

O sr. Silvano Pinto festejando o apparecimento d'«O Ideal», mandou-nos 1 duzia de Antartica competentemente vasias.

O sr. Machadinho

offertou-nos em rego-sijo da installação de sua fabrica denominada *Azeite as duzias*, uma linda taça de café, ainda não colhido.

O sr. Patinho para não ficar atraz mandou-nos um rico pãodelot, que rematará amanhã no leilão.

—A todos os offer-tantes agradecemos, e pedimos continuem; se não ver-se-hão mettidos em talas com o Ideal.

O amigo Patinho ainda não arrematou o pãodelot, mas como fiamos nelle, damos como recebido.

O mesmo dizemos ao amigo Machadinho, se quizer reclame de sua fabrica de *Azeite* mande-nos o café com as devidas torradinhas *senã... está de embu-ruo com «O Ideal».*

—e—

Affirmam

—que o Joaquim Cardoso está com paixão recolhida...

—que o João Rocha prometteu um litro de azeite, á S. Gonçalo, para que o faça casar...

—que o J. Mesquita está aprendendo a tocar piano, com o J. Requinta...

—que o J. Rocha aprecia um *quentão*, de S. Gonçalo...

—que o Juca Ferreiro, vae mudar o armazem para a rua Nova...

—que è a pedido do Carlos...

—que o Benedicto de Paula vae fundar *azeite-rii* na rua C. Damasio...

—que o Carlos vae

largar do terno branco e pegar no verde...

—que o Silvano, está deliberado a enfor-car-se num copo de azeite ..

—que o Figueiredo não entra nas arrelias...

—que tudo pode afirmar o

DR. DANTAS

—o—

Inutilidade

O terno do Carlos.
O chapéu do Mesquita.

O *miréi* do Brescancin.

A prosa do Rotha.

O azeite do Silvano.

Os versos do J. Fialho.

O caturriso do dr. Sello.

A cara dura do

DR. DANTAS

—e—

Pelos Fios

Cidade 6
Machadinho e Patinho, trabalhando com afinco pela propagação d'«O Ideal».

Largo 5
Patinho, mandou fazer a barba por não tel.

Venda 5
Machadinho vae de terno branco nos ensaios cuidado com elle.

Club 5
Machadinho e Patinho movem processo, contra o redactor d'«O Ideal».

Redacção 6
«O Ideal» está an ea-

çado, requereu *habas corpus*, que foi negado.

Rua Nova 6

Carlos, Silvano e Figueiredo não poderam passar, por ter os fabricantes de azeite, alagado a rua.

Club 6

Carlos afogou-se no azeite, Silvano atolou-se e Figueiredo raspou-se.

Redacção 7

Agora a tarde foi assaltada a officina do «O Ideal»: empastelaram typos quebraram machinas levaram originaes. Não houve prejuiso.

DIZEM...

—que o Silvano fallou ao Carlos:—Talvez te escreva —quando elle passava na rua Nova...

—que o Silvano está ficando muito serio, mas que o tal está muito apaixonado pela rua do Commercio..

—que o Carlos, agora anda atoa, porque a namorada largou...

—que o João Mesquita, tem um bonito bigode, mas não arranja patavina...

—que o Brescancine, gosta de «civeja»...

—que o caxeiro do Lae.. não quiz fazer parte no club «Concordia», por estar sempre na *pindafyba*..

—que por hoje vae descançar o

DR. SELLO.

ULTIMA

Salve dia magestoso,
Cheio d'eterna saudade,
Em que o povo brasileiro
Abraçou a Liberdade.

JOSIN.